

A TRIBUNA.

JORNAL POLITICO, MARITIMO, LITTERARIO.

Creio que Deus e Deus e os homens livres.



Publica-se nos dias 1, 8, 15, 22 de cada mes, e sobrenão a cada 15 dias, em 15 exemplares de 400 linhas cada.

O preço da subscrição, que pode começar em qualquer dia, é de 128000 por anno, 75000 por semestre e 35000 por trimestre.

ANNO I.

QUINTA-FEIRA 8 DE NOVEMBRO DE 1855.

N. 15



A TRIBUNA.

DIÁ. 8 DE NOVEMBRO.

O Instituto dos surdos-mudos e a caridade publica.

E' força acreditarmos que ha neste mundo um systema de compensações, seja qual for a sua origem e seu modo de existir, e ja qual for o mysterio em que se envolve a mão occulta ou invisível que preside e regula a sua pratica e o seu equilibrio.

Contenda quem quizer sobre a sua bondade, mas não neguem o facto, que não ha mesmo nehum, porque todos nós, grandes e pequenos, temos mais ou menos subido a sua influencia em meio das vicissitudes da existencia, por mais curta que tenha sido a nossa peregrinação nesta vida de um dia e de muitas noites.

E' curioso mesmo que a redempção com o trabalho na existencia desse systema, para nós e para todos os nossos irmãos, pois tanto sem a sua creança hauda haem difficil e amargo fora ao homem supportar o mal que soffre, e a que não pode nem deve resignar-se nunca, porque a

resignação nada mais é, como ja alguns lhe chamam, que uma *actitude negativa*.

Com effeito, a resignação, tal qual a temos presenciado em mais de uma occasião, em vez de animar o promotor no espirito de honra de ponto cingido à sua natural aspiração ao bem, ou pelo menos a um mal menor, a um mal relativo, encerra-lhe a vontade e esterilisa-lhe os esforços, se por ventura alguma força lhe deriva o deslizo para tentativas.

A resignação sozinha, sem o correctivo estimulante da aspiração ao bem, e pois um mal maior que todo e qualquer mal de occasião, que tende a ser, por isso mesmo que não passa de um accidente, constantemente venendo na roda continua e mysteriosa das compensações.

Acreditamos e acreditamos de boa mente a existencia desse systema, porque e elle sem duvida que nos anima e consola de presente pelo futuro, da procura do mal pela aspiração ao bem, tanto nas angustias do proprio futuro, como em meio dos fatos publicos da sociedade em que vivemos.

São certamente as compensações que hem desvanecido em grande parte a impressão afferradora do espectáculo das victimas da epidemia recente, nesta quadra que já foi

de consternação geral, que se vai prolongando mais do que ja pensamos, e a que parece nos vamos habituando pela indifferença com que olhamos para uma mortalidade ázua pouco tranquillizadora.

As compensações a que nos referimos, não é mister indicá-las, porque de todas são conhecidas, — são as favoráveis a palavra que se era altamente reproduzido por todos os meios e sob todas as formas entre nós, traduzindo por actos meritorios em sua mais alta expressão, em sua mais bella pratica, o sentimento de caridade que a todos nos anima.

E' enquanto trata o governo esterilisação em suas mãos o produto consideravel das explorações da rica mina da caridade publica e particular, todavia, se as compensações para o pobre foram menos effluentes por isso, nem assim foram ellas menos ricas.

Nos já o asseguramos pelo modo por que se houve na parte distribuição desse producto, reproduzindo-se em casa a espera do recitativo muitas vezes impossivel da necessidade para tornar a seu correctivo effectivo, em vez de mandá-lo procurar em seu proprio logario para apanhar o em sua mão, colhi-lo em sua mão, e preservá-lo por fim do mal.

E' não podemos prescindir de perguntar-lhe por esta

FOLHETIM.

DIÁ. 8 DE NOVEMBRO.

FOLHAS AO VENTO.

Principaes annunciando aos meus leitores que o folhetim de hoje não tem existencia.

Batarei em seu objecto e afrouxa, modo effeito que muito gostava. Certo é que todos os a theoricos do mundo acreditavam como um meio efficaz de effeito para adre esse, como um faço atrair a impudicamente a attenção dos leitores.

Ha de ser uma especie de libertagem sobre alguma causa de parvoio com successo.

A questão? A que está?

Bate o que M. Charton e como artista, apreciar e tratar de seu talento, enumerar uma por uma todas as bellezas e variações de sua natureza, acompanhar todas as phizes de seu trabalho em nosso publico, concordemos, e uma empresa arriscada, e um trabalho difficil, e uma obra atrevida e audaz.

Mas successos promessa, sobre-se o folhetim, embora para o folhetimista seja chegada talvez a sua hora final.

E' o momento terrivel, e a hora da prova e do sacrificio, e o instante extremo das aguias e do terror quando o dever peza sobre os hombros do escritor e que elle tem a arremedavelmente de combater suas ideas, de lutar com seus pensamentos e esforços, de preparar a pontualidade ao papel essas desobediencias e linhas que serão d'ahi a instantes uma folhetim, com um titulo na frente, com uma inicial no fim, tristes e sensibromas paginas que a *revista* de publicidade atirara dentro em pouco a curiosidade dos leitores sorprendendo muitas vezes na festa ao fazer do kilo, na mais critica posição e effeito de um exame talvez atrevido pela ma digestão de alguns estomagos.

E' a hora de dizer-se com Byron moribundo: *agora vatos duram!*

Mas esse consolo que jamais se negou a qualquer espectador das galarias do Senado ou da camera, esse direito que nunca se contestou a nenhum devoto em um sermão de lagrimas, esse refrigerio de que sempre gozaram os membros do Instituto a leitura de certas memórias de mes embebecimento, enfim, esse unico desalago, essa unica distração de todos os apreciadores do theatro de S. Pedro e

mesmo do Lyceo nesses tempos de nefanda revolução em que a Generentola fazia a *revista* de nossos moços de espectáculo, não é nem isso, o pobre folhetimista tem por si.

Por vontade ou a força, chegando a momento, ha de escrever, perca-se embora, salve-se porém a dignidade dessas gordas columnas que tendem a crescer.

Não sei eu pois quem falte, valha-me a resignação no castigo, valha-me a grandeza no *serafim*.

Que M. Charton, que as Signoras La Grúa e Casloni são artistas de reconhecido merecimento, não sei eu quem negue.

Admirro-as como talento, respeito-as como mulheres, venero-as como arthistas e venhao-las-ini-fundem como escriptoras, se os arthistas tivessem outra peiza além de criação de todos os homens que receberão de cá uma ventilha acorrem desse fago sagrado que se irradia sobre todas as fronte-inteligentes.

Aprecio-as como pais.

A signora, Casloni le touo quanto traza artista e de se possuir, por unica riqueza, por unica força, só se possa a voz.

Beu-se que para o tanto essa é uma das primeiras condições, mas a artista que não tem mais do que isso, que não recebeu da natureza outro dote além desse e quem faltam todas as outras innumeráveis qualidades indispensaveis ao desempenho brilhante de seu papel, certo que não tem direito a uma corda e muito menos ao culto de uma religião.

Ora todos os admitirão, todos esses palmos e flores foremeticos da signora Casloni são os proprios que concordam na absoluta ausencia de todos os outros fundamentos que vestindo a artista apresentam-se ao publico por um peiza variado sendo em cada face se vê retratada uma nova virtude, uma nova força, uma nova belleza.

Ainda não teve uma correspondencia approvada, si quer, que lhe desse outros fôros além das de — boa ou bella voz. Já se vê por tanto que a signora Casloni não possui todos os dotes indispensaveis para elevar esse fim grandioso que o meu distinto collega a' um de seus arrebatados *rom* descolhi-lhe e sagrou-lhe.

A signora La Grúa achá-se porém em condições diferentes; é mais rica, tem mais poder, uma conquista ser-lhe ha menos difficil.

Mas por ventura os defeitos que lhe notei e que todos mais ou menos lhe reconhecerão serão taes que possam passar tão despercebidos e como que servir-lhe de alas para eleva-la ao céu?

Certo que não. A signora La Grúa tem um grande in-

terio, mas o seu presente não lhe p de garantir a posição absoluta que o meu collega lhe quiz dar. E' uma objecto talvez a seu progresso, a sua mobilidade, o seu talento, mas eu não posso deixar de advertir-la como ella se me apresenta. Posso advertir-la, e falo, mas não devo julgá-la por milhas previsões e seu pelas minhas observações.

Vejamos agora se M. Charton está no caso de receber um dote, se deve tomar o concurso, se accusa a crítica que lhe occupou a seu talento e que nosso publico foi obrigado em reconhecer-lhe, pode ser-lhe subtrahida um arrancada.

Certo que não.

Ja por muitas vezes tenho tido occasião de manifestar minha opinião e suas qualidades artisticas. Repetia hoje fira em uma revista a desnoitaria.

Para mim e a primeira artista de nosso theatro lyrico. Ninguém melhor se lê a seu papel.

Natureza *flexivel* permitia-se-me a prazer, ella se molda adequadamente nos diferentes papéis que represento.

Essa *flexibilidade*, essa aptidão especial para cada caracter, é o que forma especialmente a grande natureza do artista, e a que constitui o seu principal poder.

Flexibilidade transverrei a que alguns trechos de uma carta enviada da Europa e que a devo indirectamente a benevolencia de um illustre apreciador do talento de M. Charton, a M. Crayef e a Paris na Grande Opéra, a Dapoz e a Maria Gabel na opera comica. Resultado final das observações. Nada me fez esquecer ainda a nossa Charton.

Gracia, effeitos, via de mais, realisa-se como a della se encontram ainda. Encontra uma italiana que esteve em Marsella muito tempo e que quando lhe mostrou o retrato da Charton entranhava-se e estabou-se os triumphos della e a acção entranhava-se que revolve por occasião de seu embarque.

Estivendo a opera Gonia e enviado a Batalão cantar a Estrela do Noite ouí pronunciar ázua de mim o nome da Charton, immediatamente voltando-me para o sujeito depois de pedi-lhe perdão, pedi-lhe informações sobre elle: *Mais rien de Fair* — o segredo era de Marsella. — *De quoi alors la bis?* e entrou a cantar-me a mesma historia da dama italiana, avocês, flores, braves, Omeismo que lá fazíamos. Leria sem fim esta carta se lhe captasse tudo!

Paro-me em isto basta, ao menos por hoje em resposta a sua estimada collega.

— qual o partido que toma da situação? — qual a moção de voto que se toma para o futuro? — qual a moção de voto que se toma para o futuro? — qual a moção de voto que se toma para o futuro?

— Na Tribuna do Futuro, o futuro é a realidade de hoje... o futuro é a realidade de hoje... o futuro é a realidade de hoje...

— Mas o governo não se dá conta disso, não quer criar uma instituição que lhe sobreviva, e que a cada tempo tenha que se renovar...

— Vassalagem e castidade, que não patto dello, mas sim de alguns... o futuro é a realidade de hoje...

Novo a voz da paixão... Pela guerra e a liberdade... Com a nossa liberdade...

— Desejo, e verdade, e a grande massa... o futuro é a realidade de hoje...

— Sim, de facto de ser sem dívida a mulher... o futuro é a realidade de hoje...

— Mas o mundo e tudo de mais para seus peccadinhos... o futuro é a realidade de hoje...

FOLHETIM DA TRIBUNA

DIAS 8 DE NOVEMBRO.

O BENDIGO DE S. PAULO.

— Talvez que assim seja, isto é que... o futuro é a realidade de hoje... o futuro é a realidade de hoje...

IV.

O BILHETE.

— São seis horas da tarde do mesmo dia em que Helena... o futuro é a realidade de hoje...

A presença da mulher consola, e verdade, mas não basta.

— Deixa-lhe pois a inspiração e tomalhe o trabalho... o futuro é a realidade de hoje...

— Com todos estes garantidos de estabilidade, de efficacia... o futuro é a realidade de hoje...

— Se isso se realizar, bem se pode considerar, como dizemos... o futuro é a realidade de hoje...

— Nos assim os espíritos, propanto não sera realmente... o futuro é a realidade de hoje...

— E devesse-lhe, de modo em honra da mulher, devesse... o futuro é a realidade de hoje...

— E a mulher de ser tanto o do baldo que S. M. o Imperador... o futuro é a realidade de hoje...

— Estes factos occorrem tantas vezes, que se podem... o futuro é a realidade de hoje...

— A presença da mulher e, consequente, não se desliza... o futuro é a realidade de hoje...

— D'isso de nosso tempo os tempos, pela infingão... o futuro é a realidade de hoje...

E assim era, pois que nessa casa morava o bom Bernardo... o futuro é a realidade de hoje...

— Tuas meias que tinham de caber a sala de banquete, ali... o futuro é a realidade de hoje...

— Eu, eu, Luiza, não vi, não foi uma illusão... o futuro é a realidade de hoje...

— Mas onde tu te viste, e não estava prático a pé... o futuro é a realidade de hoje...

— E de lá estava, minha amiga, pallido como um cadáver... o futuro é a realidade de hoje...

— Minha Helena, não choras, não choras, diz Luiza abraçando-a... o futuro é a realidade de hoje...

— Desgraçado, sim, dizes tu Luiza, desgraçado que foi o meu amor... o futuro é a realidade de hoje...

todos os sympathias, e que todas as ideas generosas são plantas indígenas no Brasil.

— Assim já abracamos e abraçamos a idea de uma escola para os cegos, para esses desgraçados que não podem ver o rosto de uma mãe...

— Sejamos, pois consequentes, e atinemos tambem a fundação do Instituto da mulher — a mulher, como Mr. Huel quer chamar a capital do imperio...

— Faltando, que com a instituição de caridade que extinguiu a miséria, fomos das grandes compensações em vez de dar-nos e poderemos então dizer com tanta satisfação...

NOTICIARIO CRITICO

O aquartelamento dos menores

Tudo tem sua affeição preferida, tem pelo theatro, — outros pelas lutas, alguns pelos jogos de azar, estes pelos passeios no campo, aquelles pelas romarias...

— Nos temos tambem nossa preferida, temos, — a guerra, — a guerra.

— E em um officio, um campo de guerra, tem para nos uma paixão, uma paixão, um crendice, uma magia, a que não sabemos resistir...

— Essa virtude, essa influencia magnética, que a guerra de guerra exerce sobre o nosso espirito...

— Meu marido, Luiza!... sim, sim e verdade, e persistencia a tudo que não a que...

— Não fui, por que ambos são desgraçados... Esta vez que Helena julgou reconhecer, para a vida de vida...

— Felizmente os convidados passando a outras salas, tinham de ir para a sala de deserta e Helena pôde chorar a sua vontade...

— E a sen esperte, Luiza, e a sua sorte, — oh! a dor e a tristeza me matarão... eu não quero mais, desgracia me que elle tinha desposado outra, e elle morreu.

— Que tens, minha filha, por que choras? por que choras? que tens, minha filha, por que choras? por que choras?

— Não, tu não és sincera, tu queres acultar-me a verdade... Eu não fui, por que ambos são desgraçados...

— Helena, diz Luiza ao ouvido, tu não deves ter medo, não podeses affligir-te... Oh! meu bom pai, diz Luiza abraçando o velho, muito vesado.

— Sim, minha querida Helena, tem-se que me amas muito e eu te agradeço de todo coração, mas tambem deves amar teu marido, a quem de ora em diante pertencemos.

— Mas, Sr. Bernardo, a minha amiga chorava por tener que a separar de mim... E Luiza dizendo isto, aperta-a ao braço de Helena, para que ella continuasse com innocente mentira...

no Claro, se encontra o urso negro da Far-
ra *ocentus*. E' mais provavel que este animal
coma, em as crestas das montanhas Arizaba,
os Pampas.

Os herbivoros referem na embocadura do
rioem tambem, mda que em pequeno nu-
m. e seus afluentes. Finalmente, entre as
o elephante marinho nas costas da Patu-
os-Ayres.

LITTERATURA.

O homem.

VI.

ante a sua vida camale, o pastor profetisa a unir os
lin dos seus rebeldes, a fazes, e herdos, e a fa-
dles em a tela grossera. A esta tela den doctos
des, a turca, em que envolve o corpo, e a tenda,
de munda, e o que guarda das intemperias climo-
Fundo esses os primeiros trabalhos da industria
a, 64 o primeiro desenvolvimento das artes me-
de.

Vege o homem teve uma habitacao, a mulher co-
o seu tempo de domestico. Me' entao, ella tinha os
e occupacoes do homem, os trabalhos pastoris erap
nos, mas desde que o pastor levantando uma tenda,
companheira, esta e massa torrada, a mulher occu-
de todo o trabalho domestico, de fabrico das telas,
das misturas, em quanto que o homem occupava-se
tente na guarda e auxilio dos rebanhos, no fa-
cimas, e nas mudancas de lavagens.

benitava sempre, era mais forte, a lei e a
na forca. A mulher embora util e necessa-
sava submissa a suas vontades, e muitas
era que a esposa. A mulher esperava
os, a fezo raco e a justia que entao

VII.

um momento a tribu, e começa da

o como cereale de vapores começa
de. A planti immensa e nua, es-
alto, como uma estrada sem termo,
or sara caprichosa e inumerar
pallidos neste vasto deserto, al-
meiras, a quem o sol dona o eme

za a febra; o patriarcho discreto na
ngar do acampamento.

o tenda, sobre a linda mecha que

a que os rebeldes levantando em sua
creendo em ligeros aspiraes, cam-
de.

o alfo, o esta guarda e auxillar de
nda costurada, vigiarlo a presen-
baal, do lobo, e do fero.

arrezado do fardo que tem concluido, a-
mentos de liberdade para espelhar-se na
colunado um so momento nao se lembra

a bivaque ja brilha a chamma ja crepita, es-
ta dividiu-se entre a sombra e a luz.

esta sociedade nascente, que algum dia en-
e formara uma grande sociedade, toma seu re-
a nado; ninguém confaza do repouso de uma cri-
da.

ners; juntos era grupos, e separados das mu-
ndo os precios alimentos; no orgulho da sua
agressiva de seu barbarismo, elles não admitem
er, entre fraco, a familiaridade de seu lan-

as a mulher, assentada a entrada da tenda, no meio
us fillos, deitados a seus pes sobre as pelles dos cor-
as, encara com ternura os ultimos raios do sol, ve ap-
er a primeira estrella, seu pensamento se dirige a Deus,
quem clia dirige uma prece pelos fillos, e pelo es-
do.

Oh! a mulher espera tudo da providencia, sua forca re-
ido no senho, sua estagem, seu amor e fto inspirado pela
elgria; ella resigna-se e espera, um dia tera ju-
da.

nao cultro o deserto, a voz do homem essou de an-
e, o cido e o unico que faz ouvir seus latidos no silencio
do; a teida desatiga, repoua sob o manto de

—ahi as primeiras sociedades do homem, seus primor-
meulos do uniao, a infancia das nações.